

LEMBRANÇAS ITALIANAS

RUBEM BRAGA

UMA coisa que me comoveu na Itália foi ver, durante a guerra, ainda no inverno, ao sair de uma cidade meio destruída, os homens que podavam as árvores ao longo de uma estrada. Eram, com certeza, humildes funcionários comunais que cumpriam sua tarefa de todo o ano. Mas havia alguma coisa de solene naquele trabalho.

O povo do lugar passava seguramente fome, comprando raros gêneros com suas "tessere" melancólicas — que tantas vezes davam direito a comprar o que não havia para vender — e seu velho dinheiro desvalorizado. Ninguém ainda podia reconstruir as casas arrebatadas pelos bombardeios e explosões. Sem água encanada, com uma luz elétrica incerta e escassa e um aquecimento precário e difícil, o inverno corria duro e triste. Em muitas famílias havia o luto, ou a apreensão por um homem que há muito não dá notícias, ou uma história de mulher ou moça caída em desmoralização.

Muitos lavradores não ousavam lavrar suas terras, pois os campos haviam sido minados. A rapina, a destruição e o crime deixavam seus sinais nas ruas esfrangalhadas por onde passavam, desabalados, aos solavancos, os caminhões militares.

E ali, na estrada, os homens podavam as árvores. Não eram árvores que dessem frutos para matar a fome; eram apenas a beleza de uma estrada. Os homens faziam um serviço bem feito, devagar, com esse carinho que os italianos têm pelas árvores. Parecia que para eles era de suprema importância que as árvores ficassem bem podadas. Um vento gelado cortava o campo, na tarde sombria. Mas aquela trabalho era como um rito de esperança na Primavera.

Fôra, talvez, a displicência de algum burocrata, que não pensara em fazer cumprir, naquele inverno de tristezas e problemas tão prementes, algum serviço mais urgente. Mas no meio do drama italiano,

DN - 23.6.67

às vezes de um ridículo tão doloroso, nesse mundo de frustrações e transigências e necessidades — o trabalho daqueles homens parecia um gesto de nobreza.

Até aqui Junho 67

* * *

Outra imagem que não esquecerei foi a de um homem reconstruindo a sua casa. Tinha uns quarenta e cinco anos e um bigode sério, e trabalhava sozinho. Às vezes alguém parava para vê-lo, mas ele não se voltava nem se detinha para conversar. Trabalhava lentamente, em silêncio, erguendo uma parede; e a pequena casa estava tão arrebatada que eu creio que ele tinha serviço para meses. Uma vez vi duas meninas que, sentadas em uma pedra, mascavam pedaços de pão negro e o olhavam trabalhar. Veio depois uma mulher de meia idade. Era a família do homem. A mulher o chamou, mas ele respondeu com um monossílabo e não interrompeu sua tarefa. A mulher foi-se embora com as meninas para uma casa na aldeia onde se tinham abrigado — e o homem continuou ali, sozinho, a refazer a sua parede.

Comissões de arquitetos italianos desenhavam planos de reconstrução de bairros e cidades. Os técnicos discutiam a quantidade de material necessário, o que seria preciso importar, o tempo, o custo, o número de operários, as estatísticas de pessoas desabrigadas, a questão dos transportes. Discutiam com afinco, tentando estabelecer dados objetivos, mas sabendo que tudo dependia de tanta coisa que nenhum plano poderia ser estabelecido.

Enquanto isso aquele homem fazia outra vez a sua casa. A mulher e as filhas cuidavam de outra coisa — ele trabalhava sozinho. Aquela era a sua tarefa. Um dia ele chamaria outra vez a família para morar na velha casa. No meio da cidadezinha aflita, em que a vida era um jogo de expedientes e humilhações, ele me pareceu, mais do que ninguém, sólido e viril. Trabalhando quieto, quase sem comer, de sol a sol, para refazer a sua casa, indiferente a tudo o mais, ele tinha no seu gesto uma segura beleza que superava o egoísmo da casa. Parecia que estava fazendo mais; estava ali, solitário, começando a reconstruir o mundo.

29.5.49

(Anonim)

180